

Editorial*

Muda Brasil! Muda Rio de Janeiro!

A brutal desigualdade do Brasil continua longe de ser superada. Persistem as mazelas sociais. Desemprego, fome e miséria assombram os lares brasileiros. Hoje, 33 milhões de brasileiros passam fome e 61 milhões não conseguem fazer as três refeições todos os dias. Seguimos na mesma posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que leva em conta, além da renda per capita, educação, saúde e expectativa de vida calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD): 82ª posição entre 191 países.

O país continua violento. Apesar da melhora, ainda convivemos com extrema violência aponta o Anuário Brasileiro da Segurança Pública. O Brasil tem 2,7% dos habitantes do planeta e 20,4% dos homicídios. Assassinatos em 102 países: 232.676; Assassinatos no Brasil: 47.503. Todos esses dados incidem fortemente sobre jovens pobres e negros das periferias das grandes cidades. As vítimas: 77,9% negras e 50% entre 12 e 29 anos.

O crescimento da miséria e da insegurança nos grandes bolsões amplia o poder despótico do narcotráfico, e, por outro lado, a multiplicação de forças paramilitares nas comunidades são fenômenos novos que atrapalham a retomada de lutas e a organização popular. É outro sinal desses tempos de grande desagregação social e perda do sentido de coletividade, fraternidade e de nação.

Na educação convivemos com mais evasão escolar. Dados do Todos Pela Educação, mostram que 244 mil crianças e jovens entre 6 e 14 anos estavam fora da escola no segundo trimestre de 2021. Segundo informação da 2ª etapa do Censo Escolar da Educação Básica 2021, a taxa de abandono escolar do ensino médio na rede pública passou de 2,3% em 2020 para 5% em 2021. Temos 11 milhões de analfabetos. O mais preocupante é o analfabetismo funcional – a incapacidade, mesmo sabendo ler, de compreender e interpretar textos e ideias e fazer operações matemáticas. Estudos estimam que 29% da população brasileira seja analfabeta funcional.

Triplicou o desemprego entre jovens dos 18 aos 24 anos – 19,3%. 12 milhões de jovens não estudam nem trabalham. A precarização das relações de trabalho é crescente. 70% dos milhões de brasileiros vivem nas grandes cidades e sofre com a precariedade da qualidade de vida em função do crescimento urbano desordenado, da especulação imobiliária e do déficit habitacional - que já chega a quase 6 milhões de moradias. Aproximadamente 34,1% de domicílios no país, o equivalente a 49,2% das não têm acesso ao esgotamento sanitário por rede.

Este cenário perturbador de desigualdade socioeconômica e somado as constantes ameaças ao estado democrático de direito nos levam a seguinte certeza: precisamos derrotar Bolsonaro e extrema direita. Então, votamos já em Lula para presidente e Marcelo Freixo para governador.

Colônia abandonada



Centro Histórico da Colônia Juliano Moreira e o restante do bairro em abandono.

Triste realidade de Jacarepaguá no mês do seu aniversário de 428 anos.

Página 3

Estão asfixiando nossa cultura

Em entrevista para o JAAJ, a cantora Roselaine Bragança salta o verbo em defesa da cultura popular. Página 7



História da Região

**O Rio de Janeiro na independência do Brasil
“Macróbios” de Jacarepaguá
no censo de 1890
Os donos da Barra da Tijuca**

Páginas 6 e 8

Lula Já



Nesta hora delicada do mundo, com uma guerra e desafio climático, o Brasil não pode ser guiado pela mediocridade, incompetência, sem compreensão dos acontecimentos, sem liderança de respeito. É preciso o Brasil ter liderança definida o quanto antes para entrar nesse diálogo. E tem que ser agora, é pra já. No dia 2 de outubro. Todo o Brasil e o mundo ao saber que Lula é o novo Presidente do Brasil, um alívio geral vai perpassar na mente e corações de todos. Página 5

Receita da Tia Néli

Nhoque com Açafreão

Página 2



Cozinha da Tia Neli

Nhoque com Açafrão

Ingredientes

- 1 kg de batatas cozidas com a casca (de preferência aquelas rosadas q soltam pouca água)
- 1 colher (sobremesa) de açafrão da terra (cúrcuma)
- 2 colheres (sopa) de cebolinha verde bem picadinha
- 4 colheres (sopa) de queijo parmesão ralado
- 1 gema
- 1 colher (sopa) margarina
- 6 colheres (sopa) de farinha de trigo
- sal e pimenta do reino a gosto

Modo de fazer

Passe as batatas pelo espremedor. Misture bem o restante dos ingredientes e coloque na nhoqueira. Corte eles sobre uma panela com água fervendo e, assim que subirem até a superfície, retire-os com uma espumadeira e coloque-os para



escorrerem um pouco. Arrume-os em um refratário e sirva com o molho de sua preferência. Eu fiz um molho ao sugo com manjeriço. Todos daqui de casa gostaram! Servi com carne assada com batatas, arroz sírio, salada de folhas (alface, agrião e rúcula), tomates e cebolas. Observações: O açafrão da terra é rico em vitaminas (A, B, C e D), sais de Potássio; amido, cálcio, fósforo, ferro, sódio, carotenos, tiamina, riboflavina e niacina.



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

“Anexe” sem errar!

Olá, queridos leitores, tudo bem? Nesta edição vou mostrar uma diferença muito comum entre os termos “anexo” e “em anexo” causadora de cabelos em pé! (risos). A explicação será tão simples que nunca mais vocês terão dúvida e as madeixas voltarão ao lugar! (risos)

O termo “anexo” é adjetivo, logo deve concordar em gênero e número. Por essa razão, varia de acordo com o substantivo próximo a ele. “Seguem anexas as documentações solicitadas.”

Já os termos “em anexo” são classificados como uma locução adverbial (preposição + nome), por isso ficam invariáveis independentemente do que os cercam. “Os documentos seguirão em

anexo neste e-mail.”

Atente-se para o fato de que o verbo concorda com o sujeito da oração, portanto cuidado, pois o que não modifica é a expressão “em anexo”.

A partir de agora, vocês não errarão mais os e-mails que irão redigir!

Curtiram as dicas? Haverá mais na próxima edição!

Acesse as minhas redes sociais e acompanhem os meus conteúdos de Língua Portuguesa e de Redação: @professora_julianabernardo (Instagram).
Prof. Juliana Bernardo (Facebook).

Nossas mais singelas homenagens aos companheiros de lutas comunitárias: Olívio, Guaracy e Júlio

Agosto e setembro de 2022 foram meses tristes para nós militantes dos movimentos sociais e do coletivo do Jornal Abaixo-Assinado. Faleceram três bravos companheiros de lutas populares e da cultura na Baixada de Jacarepaguá: Olívio Bonna, Guaracy e Júlio César. Aos familiares nossos sentimentos e gratidão.

OLÍVIO BONNA - (Foto a esquerda) Idealizador da Cooperativa Jardim Shangrilá. Membro da Comunidade Eclesial de Base Padre Jósimo. Membro da Associação de Moradores da Taquara. Assessor do vereador Reimont. Fundador do Caipirando, orquestra de viola caipira.

GUARACY - (Foto ao centro) Presidente da Associação de Moradores e Amigos do Jardim Boiúna. Fundador do Centro Profissionalizante Jardim Boiúna e Adjacências.

JULIO CESAR RIBEIRO - (Foto a direita) Colunista e membro do Conselho Editorial do Jornal Abaixo-Assinado. Autor do livro “O policial Pascoal e suas histórias” – editado pela RPC Editora.

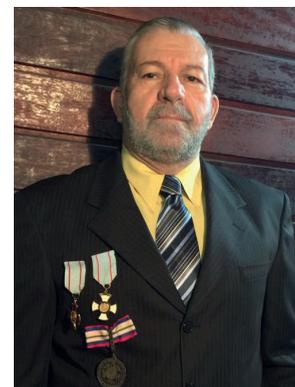


QUERIDOS AMIGOS,
É COM GRANDE PESAR
QUE INFORMAMOS
O DESENCARNE
DO NOSSO GRANDE
AMIGO, PAI, MARIDO,
AVÔ E BISAVÔ

Guaracy

A SUA DESPEDIDA SERÁ
AMANHÃ, DIA 17/09
ÀS 09:30H DA MANHÃ NA
CAPELA A, NO CEMITÉRIO
DO PECHINCHA.
SEGUIDO DE
SEPULTAMENTO
ÀS 13H.

FAMÍLIA VIDRA & JANUÁRIO



Viva o Dia da Árvore!

*Markus

Dia 21 de setembro, Comemoramos o Dia da Árvore e saudamos a força e importância do verde em nossa Vida.

As árvores, além da produção de oxigênio, são importantes para a prevenção de doenças.

Que sejamos capazes de entender a

Benefícios das árvores



importância das árvores e que sejamos multiplicadores e preservadores delas!

"Enquanto o tempo acelera e pede pressa/

Eu me recuso faço hora vou na valsa/

A Vida é tão rara", canta Lenine na canção

Paciência.

Vamos parar e observar.

Vamos observar e dividir o ambiente em que vivemos com respeito aos outros seres que o habitam.

As árvores são os seres vivos mais bonitos do Planeta.

*Ambientalista

EXPEDIENTE

JORNAL **ABAIXO ASSINADO** JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64
Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaaajr.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Letícia Ribeiro, Luiz Claudio, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabra), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmíria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa

Site: Aguinaldo Martins

Instagram: Letícia Ribeiro

Facebook: Carla Scott

Comissão de Cultura: Anna Karolina e Cíntia Travassos

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Anna Karolina
Professora

Colônia e Transolímpica Segregação e Esquecimento

Jacarepaguá e adjacências são notoriamente conhecidos por serem locais com poucos meios de transporte público. Somos mais de 800 mil pessoas onde muitas são dependentes das linhas de BRT, vans e ônibus.

Fora toda a questão do sucateamento da frota, uma questão fundamental foi a construção da Transolímpica que trouxe mais uma facilidade para acessar outras áreas da Zona Oeste, mas que também dividiu a Colônia Juliano Moreira em dois.

Basicamente a Transolímpica segregou o Núcleo Histórico Rodrigues Caldas do restante do sub-bairro. Recentemente ao comparecer a graciosa festa junina do Museu Arthur Bispo do Rosário pude perceber que temos que passar por um túnel mal

iluminado até mesmo durante o dia já que a noite se torna impossível passar por ali por ser um completo breu. Em frente ao

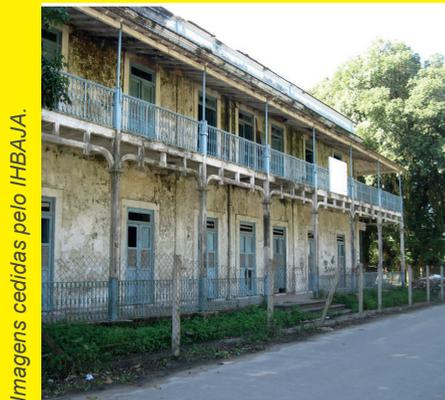
polo experimental e Ateliê Gaia do ABRAC parte da ponte cedeu.

É revoltante e triste ver o esquecimen-

to da história de Jacarepaguá por parte dos governantes. O núcleo histórico Rodrigues Caldas pede ajuda!

Centro Histórico da Colônia Juliano Moreira em abandono

Mesmo tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), o Núcleo Histórico da Colônia Juliano Moreira está totalmente abandonado.



Imagens cedidas pelo IJBAJA.



Rock in Rio e as falhas na logística



Luiz Claudio Silva
Cofundador do Museu das Remoções

Desde 1985, já se foram oito festivais do Rock in Rio no estado do Rio de Janeiro, mas os transtornos recorrentes ainda não são evitados. Parece que o bairro de Jacarepaguá não suporta mais o evento, pois os moradores que residem no entorno continuam vivenciando situações que prejudicam o seu cotidiano, e a organização do festival, apesar da experiência de anos, não consegue solucionar.

Segurança – com uma segurança precária para um evento de 100 mil pessoas, em um momento violento em que o Rio esta vivendo, fica inevitável não haver assaltos. Além de centenas de celulares furtados, ainda houve um caso de assalto à mão armada. Caio Henrique afirmou em rede social que, no dia 2 de setembro, foi vítima de um assalto à mão armada em frente ao palco principal.

O Rock in Rio parece mais uma forçação de barra no bairro, pois em 1985 era um público atualmente quadruplicou. Caio Henrique afirmou em rede social que, no dia 2 de setembro foi vítima de um assalto à mão armada em frente ao palco principal.

“Site o Globo Cultura – Rock in Rio: PM prende 14 pessoas e primeiro fim de sema-



Fotos: Luiz Claudio

Barricada da prefeitura na Avenida Salvador Allende

na tem registro de assalto com arma – Por: Ricardo Ferreira 5/9/2022 19h07.”

- **Trânsito** – apesar de toda a logística, o trânsito fica bastante tumultuado em vários momentos, e trajetos rotineiros dentro do próprio bairro, que levam de 8 a 15 minutos, passam para uma hora, aproximadamente, causando bastante aborrecimento aos que dependem de transporte.
- **Receber visitas ou encomendas** – uma prática antiga é distribuir credenciais para que os moradores possam acessar suas próprias residências, uma vez que o evento fecha as vias no entorno das 14 às 6h. Lembrando que somente podem entrar os moradores; visitantes e entregadores de encomendas não; a não ser que deixem os veículos a 2 km ou mais e vá a pé.
- **Constrangimentos** – alguns moradores, mesmo com as credenciais coladas no carro, passam por constrangimentos na hora de passar nas barricadas montadas pela Prefeitura, como responder



Vendedores ambulantes acampados na Vila Autódromo.

a perguntas desnecessárias, e também na entrega da credencial alguns funcionários são mal-educados, parecendo estar fazendo um favor ao morador.

- **Descaso total com comunidade vizinha** – a comunidade da Vila Autódromo, que fica ao lado do festival, é totalmente abandonada nesses dias. Ela simplesmente não entra na logística do evento nem das autoridades da cidade, que ajudam na organização, e é tratada como se não existisse. Sem patrulhamento policial, sem limpeza das ruas durante o dia e sem banheiros químicos, fica um verdadeiro caos, com dezenas de vendedores ambulantes que acampam e moram na comunidade durante a festa. A comunidade tem sua rotina mudada totalmente.
- **Veículo público** – simplesmente desaparecem os poucos veículos públicos, causando grande transtorno para os moradores que não têm veículos particulares, sendo obrigados a andar quilômetros.



Marketing do Evento na Rua Embaixador Abelardo Bueno



Aviso da prefeitura de fechamento da rua Embaixador Abelardo Bueno no RIR

Falas de moradores de grupo de whatsapp:

- L. “2 h do Barra Shopping até aqui.”
- C. “O problema não é sair daqui, é voltar pra cá.”
- G. “Geral sendo roubado no engarrafamento do Rock in Rio.”
- Y. “Fizeram maior palhaçada com essa conversa fiada de TAG, transtorno absurdo e isso nem está sendo usado” (sobre o tag dado com a credencial para as cancelas).

Michael Martinez*

A afirmação do Fascismo como uma ideologia formou-se no período entre guerras (1918-1939) na Itália e sob a liderança de Benito Mussolini.

Para entendermos a formação das ideias que compõem o Fascismo, devemos conhecer as circunstâncias sociais e geopolíticas daquele momento.

Com o fim da primeira guerra (1914-1918), países como Alemanha e Itália passavam por crise econômica, agravada com a quebra da bolsa de Nova York (1929). Havia também um crescente sentimento nacionalista, bem como um temor de empresários e membros da elite financeira com relação às ideias comunistas trazidas pela Revolução Russa (1917).

Diante desse cenário e das dificuldades da classe política de solucionar esses problemas, o caminho parecia estar aberto para o surgimento de líderes com discurso de autoridade e com promessas de reviver o orgulho nacional, como foi o caso de Mussolini.

O termo *fascismo* vem de fascas, um tipo de lâmina de machado atada a um feixe de varas que era usado pelos lictores, espécie de seguranças dos magistrados do Império Romano.



2011 Enciclopédia Britannica, Inc.



No cerne da ideologia fascista podemos destacar os seguintes pontos fundamentais:

- Exaltação de um passado mítico e glorioso da nação, a fim de insuflar o orgulho nacional e reivindicar uma origem especial.
- Fortalecimento do patriotismo, tendo o indivíduo o dever de dedicar seus esforços à glória da nação.
- Reconhecimento da desigualdade natural entre as pessoas, com valorização do homem forte e desprezo pelas pessoas entendidas como fracas ou com limitações de qualquer natureza.

- Obediência cega e incontestável do líder, cujo poder deve ser ilimitado.
- Antirracionalismo e anti-intelectualismo, com o recorrente apelo à emoção e aos instintos e o desestímulo ao pensamento abstrato.
- Elitismo e patriarcalismo, glorificação da masculinidade guerreira e separação da sociedade entre o líder e as massas ignorantes.
- Ultracionalismo, com a crença de superioridade de algumas nações sobre as outras, devido às suas qualidades e origens supostamente superiores.

• Darwinismo social, baseado na ideia de que a vida humana é baseada na luta e competição entre as pessoas, onde os mais fortes prevalecerão.

O Fascismo não se limitou à Itália, tendo também inspirado o nazismo na Alemanha e governantes como Francisco Franco na Espanha e regimes como o do Japão Imperial.

No Brasil, o Fascismo inspirou a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político de extrema-direita fundado por Plínio Salgado em 1932. Tendo se tornado um partido político em 1936, a AIB chegou a ter entre 500 mil a 800 mil filiados e conseguiu eleger vereadores, prefeitos e deputados estaduais.

Atualmente, há movimentos neofascistas ou com características fascistas em vários países e vale lembrar que instabilidade política e econômica podem ser brechas para a ascensão de líderes fascistas.

Seja como for, não devemos duvidar da força e do alcance do discurso fascista. Os regimes fascistas não terminaram simplesmente. Foi preciso uma guerra mundial para derrotá-los.

*Mestre em Ciência Política, advogado e morador de Jacarepaguá



Pablo das Oliveiras

Uma grande aldeia indígena entre nós

Ainda no século 21, o assassinato de indígenas é um projeto de extermínio como no Brasil colonial. No governo Bolsonaro, assistimos avançar os crimes contra os indígenas e a floresta, que é o território fundamental para os 305 povos indígenas e seus modos de viver. A história das nações brasileiras também é contada pelos povos indígenas! Em *Pindó-rama*, de Pindorama ao Brasil, o colonizador português passou a recontar a nossa história.

Na cidade do Rio de Janeiro e pelo Brasil afora, nomes indígenas resistem para identificar muitas localidades: em Jacarepaguá e em Taquara encontram-se a história da grande da aldeia *Takûarusutiba*, localizada entre os Maciços da Tijuca e o da Pedra Branca, no vale de *Yacaré-ypá-guá*; não por acaso, tendo na vizinhança encontramos: *Camorim*, *Curicica*, *Boiúna*, *Itanhangá*, entre outros.

A *Takûarusutiba* dos indígenas tupinambá constava entre as grandes *tabas* da Guanabara, como registrou o francês Jean de Lery, sobre suas viagens para traficar pau-brasil, no Século 16. *Takûarusutiba* uma *taba* bem guarnecida de água potável, da bacia do rio Grande. Seu nome se deve a abundância de *takûara*, uma espécie de bambu brasileiro, utilizada em diversidade: na arquitetura das *ocas*, *malocas*, *paliçadas*; *arapucas*; na feitura utensílios domésticos e armas: *coité*s, *zabatana*, *flecha* e até instrumentos musicais, o *pifano* de sopro. Mesmo situada à distância



Palavras e atos de resistências indígenas

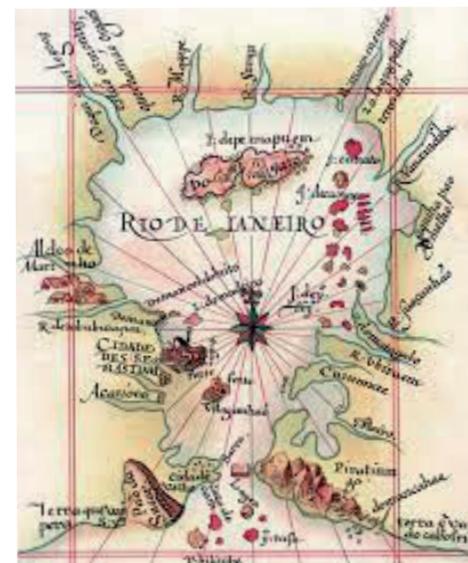
do mar, a *taba* mantinha estreitos contatos com os parentes tupinambás que habitavam o litoral. Numa ocasião, o *morubixaba* de *Takûarusutiba* recebeu de presente um prisioneiro de guerra, o alemão Hans Staden, que vivia há 9 entre os parentes tupinambás do litoral (Bertioga), após algumas semanas de sua chegada, Staden armou uma trapaça para ser levado ao litoral da Guanabara e dali fugiu num navio francês, que contrabandeava um carregamento de pau-brasil.

Atualmente, as lutas dos indígenas, na floresta e nas cidades, por vezes apoiadas por organizações civis, são autodefinidas, como: **REXISTÊNCIA!** No coração da cidade do Rio de Janeiro a Aldeia *Maraká'ná* *reexiste* e rei-

vindica o direito à área do antigo Museu do Índio, território que foi dos indígenas tupinambás, da aldeia *Jabebiracica*, na atual região do Maracanã.

GLOSSÁRIO:

PINDÓ-RAMA / PINDORAMA: região das palmeiras.
TAKÛARUSUTIBA/ TAQUARA: tronco grande em abundância
YACARÉ-YPÁ-GUÁ / JACAREPAGUÁ: a baixa da lagoa dos jacarés.
CAMURY-IM / CAMORIM: peixe de água doce
BOY-UNA / BOIÚNA: cobra-preta
CURICICA: papagaio todo verde
ITA- ANHANGÁ / ITANHANGÁ: pedra do mau



Mapa de Luiz Teixeira da Baía de Guanabara, de 1574

espírito
TABA: aldeia,
OCA, MALOCA: casa
PALIÇADA: cercas, cercado
ARAPUCA: armadilhas de caça
COITÉ: potes
PÍFANO: instrumento de sopro
MARAKÁ'NÀ / MARACANÃ: espécie de papagaio
MORUBIXABA-UASU: grande chefe
:A-BEBYRA-ASYCA / JABEBIRACICA: peixe chatos, arraia coto

Fontes: Ver, Rio antes do Rio, de Rafael Freitas da Silva e O Tupi na Geografia Nacional, de Teodoro Sampaio.

O mundo pede LULA JÁ

*Vivaldo Barbosa

O povo brasileiro se recuperou, se recompôs e está escrevendo um dos momentos mais bonitos da nossa história. Reassumiu sua condição cívica e patriótica, retomou seu veio ético.

Diante das tensões que pairam sobre todos e das ameaças que lançam, dos últimos dias para cá muitos estão pensando e procurando decidir isto já, o quanto antes, para retomar a paz e a tranquilidade.

E há outras razões.

O mundo está vivendo situação de guerra, delicada e perigosa. Surgiu a OTAN como aliança militar a querer tudo controlar, em estreita ligação com os interesses do Império. Em vez de aliança para produção de alimentos contra a fome, em defesa da saúde da humanidade, moradia, trabalho, surge aliança para produção de armamentos, para a guerra.

O conflito entre Rússia e Ucrânia, lamentável em todos os sentidos, pois o mundo deseja viver em paz, assume um momento delicado, perigoso. Até ameaças nucleares ressurgem. Nesta hora delicada do mundo, o Brasil não pode ser guiado pela mediocridade, incompetência, sem compreensão dos acontecimentos, sem liderança de respeito. É preciso o Brasil ter liderança definida o quanto antes para entrar nesse diálogo.

Por outro lado, é crescente a articulação dos interesses dos



Um momento histórico: Luiz Carlos Prestes, Luiz Inácio Lula da Silva e Leonel de Moura Brizola

países do outro lado do mundo, nas regiões de Ásia e Eurásia, como acabamos de acompanhar nos encontros de Vladivostok e na cidade histórica de Samarcanda, no Uzbequistão, em que dezenas de nações discutiram seus destinos e interesse face à situação atual do Império e da OTAN. E o Brasil, desinteressado, sem compreender seu papel e sem defender nossos interesses, de tudo está fora, governado pela mediocridade.

O Brasil é importante no mundo, não pode fugir do seu papel, tem o dever de procurar entender o que acontece e atuar na sua dimensão. Ainda mais agora, com governos na América Latina de natureza popular e que estão a procurar definir seus interesses, o Brasil tem muito a ver na articulação com todos.

Todos nós sabemos, o mundo todo sabe o papel que Lula tem para um posicionamento digno e construtivo no mundo que vive esta complexidade. Sabemos do papel de Lula na América Latina, na nossa relação com a África, em nosso diálogo histórico com o Ocidente e com esses blocos que estão a se definir diante das condições atuais.

Por isso, o povo brasileiro, já recomposto e já se vendo como Nação de respeito, está fazendo seu segundo movimento importante e belo diante da história: nós estamos colocando Lula no mundo. Sabemos o que isto significará para a humanidade.

E tem que ser agora, é pra já. No dia 2 de outubro. Todo o Brasil e o mundo ao saber que Lula é o novo líder do Brasil, um alívio geral vai perpassar na mente e corações de todos. Melhor, ainda, Lula vai começar a falar ao povo brasileiro e ao mundo. Um valor mais elevado se levantará.

Lula agora, prá já!

*Brizolista histórico, ex-deputado federal/PDT e secretário de Justiça do Governo Brizola



"Todos os dias Deus nos dá um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes"
(Paulo Coelho – escritor)

Almir Paulo

Porque voto em Lula para Presidente do Brasil

A volta de Lula é a volta da soberania do Brasil. Com Lula de volta, o Brasil vai voltar a ser "dono do próprio nariz", como ele mesmo diz.

Luta contra a fome

Lula já provou que tem compromisso com os mais pobres e que consegue acabar com a fome. Quando se tornou presidente, em 2003, disse que sua missão era garantir que todos os brasileiros fizessem três refeições todos os dias. Dito e feito: em 2014, a ONU tirou oficialmente o Brasil do Mapa da Fome.

Mas Bolsonaro destruiu tudo o que Lula e Dilma fizeram. Acabou com o Conselho Nacional de Segurança Alimentar; congelou o salário mínimo; abandonou a agricultura familiar, que produz 70% do que comemos; tirou dinheiro da merenda escolar; destruiu o Bolsa Família.

Resultado: hoje, 33 milhões de brasileiros passam fome e 61 milhões não conseguem fazer as três refeições todos os dias. Só com Lula a fome vai embora de vez.

Gera emprego e renda

Lula provou que o país pode crescer tratando bem o povo



trabalhador. Nos oito anos em que foi presidente, ele criou mais de 15 milhões de empregos com carteira assinada. E, depois, Dilma criou outros 6 milhões.

Com Lula, o desemprego caiu quase pela metade, e o salário mínimo passou a ter aumento acima da inflação todos os anos.

No tempo de Lula e Dilma, o rendimento médio do trabalho das pessoas de 15 anos ou mais, medido pela PNAD/IBGE, cresceu 18%, em termos reais.

No dia 2 de outubro, vamos liquidar logo essa eleição no primeiro turno elegendo LULA – PRESIDENTE DO BRASIL.

Lideranças latino-americanas pedem a Ciro que renuncie e apoie Lula

"A eleição no fim não será entre Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva, e sim entre fascismo e democracia. E você, um homem político inteligente e com ampla experiência nas costas, sabe muito bem que sua candidatura não tem absolutamente nenhuma chance de chegar ao segundo turno, menos ainda de garantir uma vitória no primeiro turno".

"Ainda está em tempo de corrigir seu erro, companheiro Ciro. Fale agora mesmo a seus seguidores, dizendo que a urgência da luta contra o fascismo não deixa outra opção se não apoiar a candidatura de Lula. Peça a eles esse voto, fundamental para derrotar em primeiro turno o capitão (sim, com minúsculas) e seus esquadrões armados". São trechos da "Carta aberta a Ciro Gomes: o que fazer para parar Bolsonaro" que pontua outras questões sobre a importância de derrotar no primeiro turno o projeto da ultradireita golpista no Brasil.

A carta tem o vencedor do Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel e o ex-presidente equatoriano Rafael Correa, entre os signatários.

Leia a carta na íntegra no site do Jornal Abaixo-Assinado <https://www.jaajrj.com.br/>

Porque votar no Lula e Freixo

É Lula pela democracia, pela soberania e contra a fome
Luta pela democracia

Lula sempre teve o máximo respeito pela democracia e continua um de seus mais fervorosos defensores.

Começou sua vida política como líder do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC lutando contra a ditadura militar, chegando a ser preso. Depois, participou do Movimento Diretas Já e foi deputado Constituinte, ajudando a criar a Constituição de 1988.

A partir de 1989, passou a ser candidato a presidente. Perdeu nas três primeiras tentativas e sempre reconheceu a vitória do adversário, sem questionar as eleições nem tumultuar o processo eleitoral.

Hoje, diferente de Bolsonaro, não ataca as urnas eletrônicas, não briga com as instituições, não faz ameaças contra o estado democrático, nem agride jornalistas. Lula é, comprovadamente, um verdadeiro democrata.

Defende a soberania

Um país soberano é um país capaz de tomar as próprias decisões para que a vida de seu povo seja melhor. Por isso, Lula repete sempre: num país soberano, o povo não passa fome.

Lula é categórico ao afirmar que "Soberania não é só cuidar das fronteiras secas e marítimas, do espaço aéreo, das riquezas minerais que estão no solo e subsolo, nas águas e no nosso mar. Soberania é muito mais do que isso, porque um país pode ter todas as riquezas do mundo, mas, se o povo não tem direito de tomar café da manhã, almoçar e jantar, esse país não é soberano".

E para o Brasil ser soberano de verdade tem que ter um Estado forte, capaz de promover o crescimento e combater as desigualdades.

Os “macróbios” de Jacarepaguá

Marcelo Sant’ Ana Lemos*

Era 31 de dezembro de 1890, findava o primeiro ano do golpe republicano, que derrubou a única monarquia das Américas, com o exílio da família imperial e seus poucos acompanhantes rumo a Europa.

Caía a monarquia por falta de apoio político das elites cafeiras, principalmente a do Vale do Paraíba fluminense, muito prejudicada pela abolição da escravatura, conquistada através das lutas dos escravizados e dos abolicionistas. Eles ficaram afogados em dívidas com os bancos, pois não tinham que colhessem os cafezais e não conseguiram a sua reivindicação absurda de ressarcimento financeiro por pretensos prejuízos da Lei Áurea, que tanto reivindicaram no parlamento, e assim muitos acabaram falidos. Já para os ex-escravizados não foi permitido nenhum acesso as terras que tanto trabalharam, nem reparações pela sua situação, os condenando a miséria econômica.

Assim as elites agrárias fluminenses estavam decididas a se livrarem do governo corrompido de D. Pedro II, que ao longo do seu reinado, de 49 anos, foi coalhado de escândalos de favorecimento político e financeiro para membros dessas mesmas elites, que queriam agora exercerem o poder, aliados as aristocracias agrárias de outros estados.

Para isso passaram a apoiar o partido Republicano e depois o golpe militar, que trouxe uma enorme repressão a população mais pobre da capital federal e guerra civil, nos primeiros anos do novo regime, por conta de divergência entre setores militares e da própria classe dominante.

Assim como acontecia na monarquia a população do Brasil, no início da República, não tinha quase nenhum direito político, sendo que a Constituição Republicana de 1891 produziu uma legislação eleitoral, que vigorou até as três primeiras décadas do século seguinte, tão restritivas quanto a da monarquia, em relação ao número de votantes e com processos eleitorais violentos, com uso de capangas e perseguições políticas. Não votavam os analfabetos (maioria da população), as mulheres, os militares, os religiosos, os menores de 21 anos e o voto não era secreto, o que fazia com que a influência dos “coronéis” do interior e dos políticos da capital tornassem todas as eleições fraudadas, o chamado “voto de cabresto”, muito diferente das atuais eleições, em que o voto é secreto, votam analfabetos, mulheres, maiores de 16 anos, e as urnas são eletrônicas e invioláveis.

O que não mudou é a influência do poder econômico sobre o voto dos mais pobres e a violência política, que tem aumentado principalmente por incentivo do atual governo federal, que trata adversários como inimigos, trazendo a lógica da guerra externa para dentro do país, criando uma guerra interna contra seu próprio povo!

Mas voltemos aos “macróbios” de Jacarepaguá!

O novo governo republicano precisa conhecer qual era o povo que herdara da monarquia, suas características e problemas. Para isso foi feito o primeiro censo do novo regime, em 1890.

A data escolhida para realizar o censo foi 31 de dezembro de 1890, feito simultaneamente em todos os estados brasileiros. Para proceder ao censo foram formadas comissões censitárias em todo o território nacional e contratados agentes censitários pelos governos estaduais.

Cabia as comissões censitárias:

“1º Dividir o território da paróquia em tantas sessões quanto forem indispensáveis para que às operações do recenseamento, em cada uma delas, seja escrupulosa e facilmente executada por um só agente recenseador;

2º. Nomear os agentes recenseadores, devendo recair a escolha em pessoas que, além de saberem ler e escrever

corretamente, sejam inteligentes, ativas e probas, e muito conhecedoras das paróquias ou das seções para que forem nomeados(...);

3º Distribuir pelos agentes recenseadores o número de listas de famílias ou mapas, correspondentes ao número de fogos e estabelecimentos das respectivas seções.(...)”

Por essas regras vemos que a menor unidade administrativa da República ainda era o território da paróquia, chamado de **freguesia**, o que só foi mudado depois da Constituição de 1891, que tornou o **estadalaico e separado da Igreja Católica**, criando as novas divisões territoriais, que com o passar dos anos foram se diferenciando das áreas de atuação do pároco (**freguesia**). Assim a partir dos censos do século seguinte veremos o **distrito** substituindo o termo **freguesia** como menor unidade territorial a ser administrada dentro de um município. O nome do bairro da Freguesia, em Jacarepaguá, é uma herança da época que o Estado tinha uma religião oficial.

Observamos também que os recenseadores teriam que saber ler e escrever, além de conhecer seu território. O percentual de alfabetizados no final do século XIX, era muito baixo, o que acarretou problemas para recrutamento de agentes censitários.

As listas apuravam o número de “**fogos**” existentes, esse “**fogo**” seria hoje o sinônimo para habitação/moradia, pois naquela época sem um fogão a lenha você não se aquecia e nem fazia comida. Como cada habitação tinham que ter um “**fogo**” acesso para isso, esse era o nome que perdurou durante a Colônia e no Império para designar habitação.

O modelo da “lista de famílias” pode ser visto na figura 1, abaixo. Lá entre os quesitos existia o de cor onde o recenseador anotava dentro de quatro categorias permitidas na época: **brancos, pretos, caboclos ou mestiços**. Diferente do censo de 1872, a categoria **mestiço** substituiu o **pardo** nesse censo. A categoria “**caboclo**” era o designativo para indígenas que sofreram um processo de desterritorialização (que continua até hoje), que perderam a sua língua, que viviam no meio urbano e rural, sentindo-se exilados na própria terra, um processo contínuo de etnocídio. Na publicação bilíngue (português/francês) com o resultado do censo de 1890, publicado em 1895, aparecia como tradução da expressão **caboclo** para o francês “**indiens**” (índios). Presentes em todo território nacional, no nosso estado e no município os indígenas nos 7 censos seguintes do século XX (1900,1920,1940,1950,1960,1970 e 1980) desaparecem como categoria, ficando **invisibilizados estatisticamente**, misturados junto com os negros na categoria “**pardo**”, somente voltando a figurar como categoria no censo de 1990.

The image shows a scan of a historical census form titled 'Formulário do censo de 1890'. The form is organized into columns for 'NOME', 'SEXO', 'IDADE', and 'COR'. The 'COR' column has four categories: 'BRANCO', 'PRETO', 'CABOCLO', and 'MESTIÇO'. The form is filled with handwritten entries, and the text is in Portuguese. The document is titled 'Formulário do censo de 1890' and 'Modelo de formulário do censo de 1890'.

Figura 1 – Modelo do Formulário do Censo de 1890. Fonte: IBGE.

E os “macróbios” de Jacarepaguá?

Um dos levantamentos estatísticos do censo era a idade dos habitantes de cada “fogo” e o censo levantou em Jacarepaguá 42 nonagenários, isto é, pessoas com

mais de 90 anos, o que na época era uma raridade, já que a expectativa de vida dos cidadãos/cidadãs brasileiras não passa dos 33,4 anos no início do século XX!

Esses eram os “**macróbios**” de Jacarepaguá!! Pessoas com idade muito avançada, alguns com mais de 100 anos, que o levantamento de 1890 detectou e até nominou, para nossa sorte, e para que pudéssemos resgatar um pouco da vida dessas pessoas, que caso contrário, passariam a sua comprida existência anônimos, se não fosse esse capricho dos responsáveis por aquele censo. A maioria era constituída de mulheres (25 no total):

É o caso de dona Claudina da Conceição, de 111 anos, nascida na África, solteira, que morava no Sacarrão, em Vargem Grande, onde hoje passa a estrada do Sacarrão, que termina no vale do mesmo nome. Ela vivia como lavradora, agregada do sítio onde morava. Veio para o Brasil em data incerta, sequestrada de seu território, sobrevivendo a terrível travessia do Atlântico, em navio negreiro, para passar os últimos anos de sua vida no sertão carioca, em Jacarepaguá.

Outra macróbia era a Thomazia Anna Josepha, de 95 anos, indígena (cabocla no censo), nascida no Distrito Federal (Rio de Janeiro na época), no final do século XVIII, solteira, que conviveu na sua juventude com a chegada da Corte no Rio de Janeiro, que provavelmente teve notícias da Independência do Brasil, da coroação do Dom Pedro I, sua abdicação, a ascensão ao trono de D. Pedro II e de quebra ainda vivia na Estrada do Capão, na atual Gardênia Azul, quando apareceu a República.

A mais velha habitante de Jacarepaguá era Mariana Rosa da Conceição, nascida no Distrito Federal (Rio de Janeiro), identificada como preta no censo, solteira e com 130 anos!!! Ela trabalhava como doméstica, agregada na casa do patrão (seria considerado hoje um trabalho escravo), na Estrada de Rio das Pedras. Nasceu ainda no governo do Conde de Bobadela e quando fez três anos de idade o Rio de Janeiro se transformou na capital do Vice-Reino do Brasil.

Hoje a expectativa de vida dos brasileiros é de 75,9 anos, dando um salto em comparação com o início da república, e que caminhamos para sermos uma nação com muitos “**macróbios**”. Para sabermos quantos desses moram em Jacarepaguá, quantos filhos tem, onde e como moram, se tem saneamento básico, água encanada, se está empregado ou desempregado, se os filhos e netos estão na escola e qual a sua escolaridade, como está o acesso a saúde, etc. é fundamental que respondamos ao CENSO 2022, que está fazendo uma radiografia do nosso país.

Receba bem os agentes censitários, pois as formulações de políticas públicas só podem ser feitas se o estado brasileiro tiver as informações sobre as condições de vida dos brasileiros.

*Historiador

¹ BRAZIL, República Federativa do Brasil. Instruções para o segundo recenseamento da população da República Federativa do Brasil, em 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890.

² Chama-se etnocídio a prática sistemática de:
1. a assimilação forçada, conversão à cultura dominante e transferência forçada de crianças do grupo local para o grupo dominante;
2. proibição do uso do idioma local em instituições públicas e em publicações como livros, revistas, entre outros;
3. e por fim a destruição do patrimônio cultural de determinada comunidade, como objetos históricos, museus, escolas, locais religiosos, etc. (Conforme o relatório dos trabalhos preparatórios da Convenção sobre o Genocídio de 1951, da ONU)



Cíntia Travassos
Produtora

Roselaine Bragança: estão asfixiando nossa cultura Falta apoio para os fazedores de cultura popular!

Roselaine Bragança é de Belo Horizonte, Minas Gerais, e está no Rio de Janeiro há 18 anos. Ela começou a se interessar pelas artes com apenas 5 anos e, aos 6 anos de idade, compôs sua primeira música, em Rondônia. Bragança vem de família de músicos, e é sobrinha e afilhada de Gerson King Combo, que foi o rei da música negra brasileira, de quem ela tem muito orgulho.

Bragança é cantora, roteirista, produtora cultural e é *rapper* há 23 anos no movimento hip hop. Foi uma das primeiras mulheres que fundou um grupo em Belo Horizonte, **Negras Ativas**, com o intuito de dar voz às mulheres.

Atualmente, Roselaine Bragança está se preparando para gravar suas canções, que são inspiradas em mulheres e com temáticas como o combate ao racismo, a luta da mulher na sociedade e a violência doméstica.



Roselaine recebendo o Prêmio Ubuntu como roteirista do filme *Que Brasil É Esse*



Roselaine recebendo o Prêmio Ubuntu como roteirista do filme *Que Brasil É Esse*

Bragança é vice presidente do instituto Viva Mulheres, que trabalha com mulheres e LGBTQIA+ vítimas de violência.

Ela ganhou o Prêmio Ubuntu como melhor roteirista com o filme *Que Brasil é esse*. Seus maiores sonhos é trabalhar como roteirista e ganhar o Oscar. Roselaine Bragança está se organizando para fazer o mestrado em cinema nos Estados Unidos, pois recebeu um convite e uma carta de indicação de um professor.

A opinião de Roselaine Bragança sobre a cultura no governo atual é de que em todas as esferas, estadual, municipal e federal, ela está saindo do CTI, mas ainda está na enfermaria, tentando ir para a rua, onde os fazedores de cultura são os últimos da fila. E a situação se agrava mais com um governo federal ditador, averso à cultura, machista, racista e elitista.

“Durante esses quatro anos, a cultura ficou morta, mas ainda tenho esperança que o nosso país, nessas eleições, eleja um presidente que olhe mais para todos nós”, sentencia Roselaine Bragança.



Roselaine e King Combo cantando no Centro da Música Carioca Artúr da Távola



Roselaine Bragança cantando e encantando num evento do Afroreggae em Vigário Geral

Projeto Social Busca dar Oportunidade a Crianças e Jovens no Atletismo

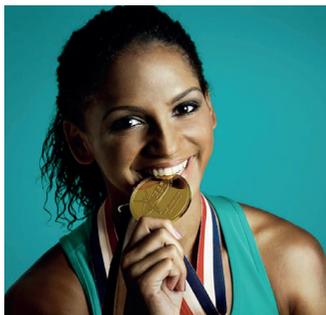
Projeto desenvolvido pela campeã mundial Bárbara Leôncio conta com dezenas de alunos na faixa etária de 8 a 18 anos.

Por Douglas Teixeira

Criada na comunidade Dois Irmãos, a velocista Bárbara Leôncio está de volta às pistas, onde entrou para a história do atletismo brasileiro em 2007. Leôncio deu os seus primeiros passos nas pistas aos 9 anos, quando foi convidada por uma amiga para visitar os treinos que ocorriam na escola Silveira Sampaio.

“No primeiro dia já me destaquei das meninas que treinavam há bastante tempo. O treinador ficou impressionado e chamou minha mãe para falar sobre o meu talento e, desde então, me apaixonei pelo atletismo, segui treinando na escola, em uma quadra de futsal, e, em 2001, disputei minha primeira competição no estádio Célio de Barros, no Maracanã.”

Alguns anos depois, em Ostrava, na República Tcheca, aos 15 anos de idade, a história foi escrita. Bárbara Leôncio fatu-



Bárbara Leôncio comemorando conquista do ouro no mundial



Bárbara Leôncio fatura o ouro no mundial para menores da IAAF

rou o Ouro para o Brasil nos 200 m no Campeonato Mundial para Menores da IAAF (Federação Internacional de Atletismo). Ela cruzou a linha de chegada com o tempo de 23seg50 contra 23seg54 da americana Chalonda Goodman, medalhista de

Prata na competição.

E agora, em 2022, após um afastamento de cinco anos, Bárbara Leôncio voltou não só às pistas, mas também deu início a um projeto social com crianças e jovens na faixa etária entre 8 e 18 anos.

“O objetivo do projeto é dar oportunidade, gerar inclusão social, retirar as pessoas do sedentarismo, da ociosidade. O projeto acontece no contraturno das aulas escolares, com a intenção de tirar as crianças das ruas e colocar no caminho do bem, desenvolver suas aptidões físicas, descobrir talentos e dar um norte a elas, salvando aqueles que estão perdidos e sem direção, para que a criança, o adolescente e o jovem façam um exercício físico e cresçam com uma saúde melhor, e se tornem pessoas do bem.”

*Estudante de Jornalismo (6º período na Universidade Estácio de Sá) e morador da Taquara



Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa - Texto

A importância do Rio de Janeiro no processo de independência do Brasil

No dia 7 de setembro de 1822, o então príncipe regente D. Pedro de Alcântara proclamou a nossa independência às margens do Riacho do Ipiranga, em São Paulo. O famoso “grito do Ipiranga” foi a culminância de um longo processo iniciado em 1808, após a fuga da família real portuguesa para o Brasil, em decorrência do Bloqueio Continental ordenado por Napoleão Bonaparte.

Apesar de oficialmente ter sido proclamada em São Paulo, a independência brasileira foi arquitetada no Rio de Janeiro e teve a Cidade Maravilhosa como “pano de fundo” de diversos acontecimentos históricos que levaram à ruptura entre Brasil e Portugal.

Em 9 de janeiro de 1822, o herdeiro do trono do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves foi até a 7ª janela do segundo andar do atual Paço Imperial para dizer que não voltaria ao território português. Pedro de Alcântara teria pronunciado a seguinte frase: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto! Digam ao povo que fico.” Essa data passou a ser conhecida como o “Dia

do Fico” e iniciou o processo de ruptura com Portugal.

A então Fazenda Imperial de Santa Cruz, localizada na Zona Oeste Carioca, foi o “palco” de uma importante reunião entre a princesa Leopoldina e o ministro José Bonifácio de Andrada e Silva, conhecido como o “Patrão da Independência”. Nesse encontro, foram debatidas as questões que seriam levadas ao Conselho de Estado visando a independência do Brasil.

No dia 2 de setembro de 1822, a princesa, regente em exercício, convocou o conselho para uma reunião no então Paço da Imperial Quinta de São Cristóvão. Ela comandou, ao lado de José Bonifácio, o evento que decidiu pela separação definitiva entre Brasil e Portugal. As Cortes exigiam o retorno urgente do príncipe e de sua família para a Europa. Nessa sessão, Bonifácio fez uma árdua defesa da separação do Brasil e propôs enviar uma carta para Pedro de Alcântara, que estava viajando para São Paulo. Tanto a princesa quanto Bonifácio escreveram para o príncipe, sugerindo uma ruptura política definitiva com Portugal.



Aclamação de D. Pedro no Campo de Santana, c.1822, Litografia aguarelada, em “Voyage Pittoresque et Historique au Brésil”, III, Paris, Firmin Didot Frères, 1839, Aguarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

No dia 12 de outubro de 1822, aplaudido por uma multidão reunida no Campo de Santana, no Centro do Rio de Janeiro, D. Pedro foi aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá Leonardo Soares dos Santos - Professor de História e membro do IHBAJA

Os donos da Barra da Tijuca

O livro de Ayrton Luiz Gonçalves dedica valioso espaço para apontar personagens envolvidos com a questão fundiária da região que abarca os bairros da Barra da Tijuca e do Recreio.

Ao contrário do que muitos imaginam (inclusive o próprio Ayrton em alguns momentos do seu texto) a região da Barra e Recreio, em particular, da Baixada de Jacarepaguá, no geral, nunca foi um território vazio. Primeiro que antes da ocupação efetuada por colonizadores portugueses, vários povos indígenas habitavam a Baixada. Os topônimos são evidências incontornáveis desse tipo de experiência (Sernambetiba, Jacarepaguá, Curicica, Tijuca, Camorim, Itanhangá, Joatinga, Taquara, Pombeba, Marapendi etc.) [1]

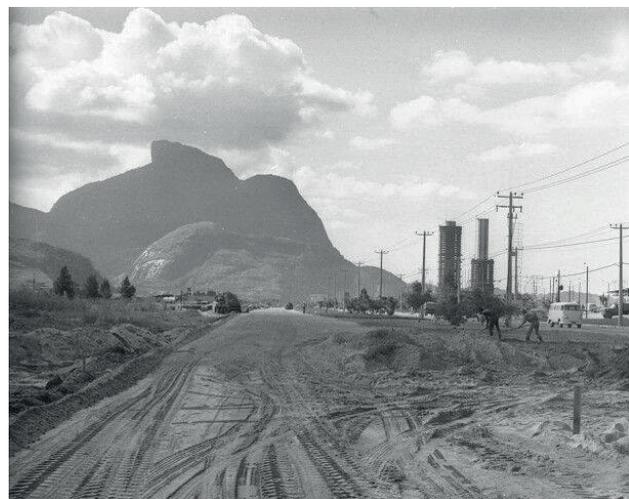
Além disso, a região foi extensivamente ocupada para o desenvolvimento de várias culturas e criações agrícolas (gado bovino, equino, suíno, caprino, bufalino, cana-de-açúcar, anil, legumes, hortaliças etc.). Esse tipo de exploração econômica, realizada seja por meio de grandes propriedades como de médias e pequenas, passaram a conviver a partir dos anos 30 com a instalação de empreendimentos imobiliários. Muitos deles foram atraídos pelas monumentais obras de saneamento efetuadas pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS. Em tom épico, Ayrton L. Gonçalves afirma que não foi apenas o órgão federal o responsável pela melhoria das “condições de salubridade da região”. Segundo Ayrton, os “proprietários de terras do local” tiveram grande papel na expansão urbana da região. Entre os 20 e 40 poucos se aventuravam ainda a implantar negócios imobiliários ali. O comércio se reduzia a alguns hotéis, botequins e restaurantes. Os investimentos de maior monta foram a construção do aeroporto de Jacarepaguá em

1928 e os loteamentos abertos pelas companhias Jardim Oceânico e Tijucamar. Elas foram estabelecidas nas “Glebas A e B da Fazenda da Restinga”. Mas tudo mudaria a partir dos anos 50. O avanço sobre as terras da Barra só cresceria uma década após a outra.



Arruamento de terrenos na Barra, por volta de 1930

Nesse cenário, por volta dos anos 90, eram quatro os principais pretendentes proprietários de terra, os “donos da Barra da Tijuca”: a Carvalho Hosken S/A, que reunia ainda como sócias a Barra da Tijuca Imobiliária S/A e São Fernando Empreendimentos Imobiliários S/A; a empresa saneadora Territorial Agrícola - ESTA, “primitivamente de Francis Walter Hime e, a partir de 1955, de propriedades de Tjong Aiong Oei, natural de Cingapura”; Pasquale Mauro, “nascido na Itália”, e Múcio Athaide, “advogado, às voltas com inúmeras questões na justiça, que hoje vive em Miami” (p. 56).



Ayrton Gonçalves ainda lembra que além desses quatro, houve também o caso do professor Raul d’Ávila Goulart, acusado de grilagens e atos ilegais, que era dono de grandes parcelas de terra na região. A concentração de terras na mão de poucos e as histórias pregressas de violências nos leva a considerar se apenas o professor Goulart tenha agido à margem da lei. A história da expansão urbana da Barra da Tijuca não foi feita apenas de lances mágicos e momentos felizes. Muitas pessoas sofreram com ela. Muita dor e violência foi infligida. Essa história precisa ser contada.

[1] Vide o brilhante artigo escrito por Renato Dória sobre o assunto: “O Recreio antes do Recreio: vestígios da presença indígena e o morro do Rangel”. Blog do Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá. Disponível em: <http://ihbaja.blogspot.com/2022/01/o-recreio-antes-do-recreio-vestigios-da.html>.